

Brito Broca é muito lembrado e conhecido como o grande cronista da vida literária brasileira. Vide, como exemplo, seu premiado livro *A vida literária no Brasil – 1900*, vencedor de quatro prêmios quando de sua publicação, em 1957, e até hoje uma referência para os pesquisadores. Além disso, publicou inúmeros artigos nos diversos periódicos para os quais colaborou ao longo de sua carreira jornalística, iniciada ainda muito jovem na pacata Guaratinguetá da década de vinte. Após a morte prematura, em 1961, muitos de seus textos, antes esparsos, começaram a ser reunidos e organizados em livros pelo amigo Alexandre Eulálio, que também se foi prematuramente. Grande parte do acervo do cronista encontra-se na Coleção Brito Broca, do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

O presente artigo, no entanto, irá abordar não o cronista literário, mas o memorialista, o contador de histórias que se manifesta nas *Memórias* de Brito Broca, publicadas em 1968, sete anos após sua morte, pela Livraria José Olympio Editora, no mesmo dia em que se encerrava, em Guaratinguetá, cidade natal do nosso personagem, a “IV Semana Brito Broca”, evento instituído em sua homenagem.

Estas *Memórias* foram organizadas por seu conterrâneo Francisco de Assis Barbosa, que assina a introdução – intitulada “Um D. Quixote das Letras” – e as notas, além de ser o responsável pelo estabelecimento do texto. É composta ainda por um testemunho – ou “crônica de saudade”, como bem define a editora –, do crítico Otto Maria Carpeaux publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 26 de agosto de 1961, lamentando a perda do amigo.

A obra é dividida em 3 partes: “Quando havia província”; “Anos de aprendizagem” e “Na Revolução de 32”. É também ilustrada por fotos raras: seus pais e avós, a cidade de Guaratinguetá e o próprio Brito aparecem nas imagens.

A primeira parte, “Quando havia província”, já havia sido publicada em vida pelo autor, na *Revista do Livro*. É a parte mais extensa e concentra as memórias de infância de Brito em Guaratinguetá. Com efeito, o título do primeiro volume das reminiscências que Brito vinha publicando de forma esparsa – “livro cíclico” nas palavras de Alexandre Eulálio<sup>2</sup> – seria *Quando havia província*.

A segunda e a terceira partes, intituladas respectivamente “Anos de aprendizagem” e “Na Revolução de 32”, são compostas por crônicas e artigos de caráter autobiográfico que já haviam saído na imprensa.

O capítulo de abertura do livro chama-se “O vício impune”, e também já tinha aparecido, com modificações, no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, em 1959, e em *A Gazeta*, de São Paulo, em 1958. O título do capítulo alude à literatura, vício que irá ocupar toda a existência de Brito Broca. Não é por acaso que Francisco de Assis Barbosa tenha escolhido, à guisa de primeiro capítulo, um texto que, malgrado o rompimento da ordem cronológica e que mostra um Brito já alfabetizado, prioriza a motivação vital do crítico: a paixão pela literatura.<sup>3</sup> É interessante observar que, apesar de ser notadamente um capítulo ilustrativo da ligação de Brito com a literatura, revela também seu apego a uma personagem marcante e, por isso mesmo, muito importante em sua formação: a avó. Nhá Marica, como era mais conhecida, foi talvez sua principal incentivadora no campo das letras e é citada desde a primeira página das *Memórias*:

“Na minha infância e nos primórdios da adolescência, embora me fosse geralmente controlada pela vigilância paterna a leitura de romances, tive a meu favor a circunstância de minha avó os ter lido apaixonadamente na mocidade...” (p. 3).

No entanto, as histórias que mais surpreendiam e despertavam a curiosidade do menino eram os enredos tecidos pela própria existência da avó, cuja infância, segundo o autor, não fora feliz:

“o germe da literatura estava no romanesco das histórias verídicas que ela me contava, em tantos episódios que vira ou presenciara.” (p. 4).

Entre as histórias que podem ser destacadas neste artigo, Brito refere-se, por exemplo, à infância de Nhá Marica na fazenda do pai, onde crescera em meio aos escravos. Um hábito que se repetia toda noite na fazenda onde a avó fora criada era a reunião dos membros da família e dos escravos para rezar o terço na sala de jantar – “todos ajoelhados murmuravam, com o máximo respeito, os padre-nossos e as ave-

<sup>1</sup> O título do artigo é uma referência ao romance homônimo do escritor britânico Richard Llewellyn, publicado em 1939.

<sup>2</sup> Alexandre Eulálio, “Broca (José) Brito: verbete para uma enciclopédia em branco”, in: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Organizadores: Berta Waldman e Luiz Dantas – Campinas, Editora da UNICAMP; São Paulo, Editora da UNESP, 1992, p. 485-490.

<sup>3</sup> Algumas observações deste texto estão apoiadas no artigo “O ‘Quando havia província’ de Brito Broca” (p.103-105), de autoria de Rachel Teixeira Valença, da Fundação Casa de Rui Barbosa. Seu artigo foi publicado na revista *Remate de Males* (11) da UNICAMP, número especial dedicado a Brito Broca em 1991.

maria” (p. 16). **Ressalto essa passagem pelo que tem de tradicional e familiar para quem conhece o interior, e sobretudo o Vale do Paraíba.**

Além dos hábitos religiosos da avó, o memorialista lembra ainda as histórias de assombrações, nas quais a “menina da roça” (p. 17) não podia deixar de acreditar. Um exemplo típico e ao mesmo tempo divertido citado por Brito é a história do saci, vivenciada pela avó na mesma fazenda:

“Outra noite, reunia-se o pessoal para o terço, quando notaram no terreiro um crioulinho que saltava no escuro, recusando-se a entrar. Foi o feitor<sup>4</sup> chamá-lo asperamente:

- Entra, moleque sem-vergonha, já pra reza!...

E deu-lhe na cabeça com uma cuia que por acaso tinha na mão. Qual não seria o seu espanto ao sentir que a cuia afundava na cabeça do moleque, como se esta fosse oca? Enquanto o vulto, esperneando (e naturalmente pondo fogo pelas ventas), desaparecia no escuro.” (17).

Entre os vários “causos” narrados por Brito, destaque-se o capítulo “Eufrásia da Chica”, em que descreve a história tragicômica de “uma empregada de mãos cheias” (p. 65), nas palavras do pai do memorialista, mas que é perseguida pelo vício do álcool, levando-a a desaparecer por longos períodos e a ressurgir como se nada tivesse acontecido. Eis o que diz o autor:

“Desapareceria para entregar-se de corpo e alma à bebida, longe das pessoas a quem estimava e respeitava. Tínhamos apenas vagas notícias de que fora vista embriagada no baixo meretrício da cidade [de Guaratinguetá] ou em Lorena – sítio habitual de suas evasões – , muito suja, num estado de fazer pena.” (p. 65-66).

Entre idas e vindas, boatos de que Eufrásia da Chica tinha morrido chegavam à casa da família Broca, sem nunca haver uma confirmação segura.

Apesar de tratar de fatos corriqueiros de sua infância, que qualquer criança do interior bem poderia ter vivenciado, como as primeiras experiências escolares narradas nos capítulos “Na escola de Dona Cardealina” e “Dona Edith” ou os momentos de lazer aos quais se podia ter acesso à época, descritos, por exemplo, em “Circos” e “Teatro”, Brito Broca revela-se um exímio “contador de histórias”. A meu ver, é justamente na simplicidade da linguagem empregada que se desvela a aptidão do grande narrador, capaz de transformar o banal, o cotidiano em leitura atraente e divertida.

Qualquer um de nós poderá identificar-se com as artimanhas de que lança mão o menino Brito Broca para adquirir o objeto que mais o fascinava – o livro. Ao ver os “belos volumes encadernados, com lombadas douradas” (p.9) que chegam à Papelaria Fonseca, mal consegue dormir, pensando no estratagema a ser usado para conquistar o objeto de sua cobiça sem despertar as suspeitas do pai. Dia seguinte vai à papelaria, escolhe um livro e diz ao vendedor que “é para pôr na conta.” (p. 10). E assim a história se repete diversas vezes, com mais e mais livros comprados na conta do pai, sem que este saiba. Até o dia em que o pai descobre as façanhas do filho e o faz devolver livro por livro, fazendo com que se sinta humilhado. Porém, o modo de narrar do autor torna a cena menos triste e dramática do que possa parecer nestas linhas.

Outro capítulo que merece destaque pelo que tem de pitoresco chama-se “Sebastião Pagode”, apelido do tio-avô de Brito. Assim como Eufrásia da Chica, o tio do menino também padecia de problemas com a bebida. No dia da procissão dos Passos, ofereceu-se para representar o Nosso Senhor dos Passos na procissão, já que na época era costume, em algumas cidades do Vale do Paraíba, substituir a imagem do santo por uma pessoa. Cabe ainda acrescentar que o papel a ser desempenhado era remunerado, e uma vez que o homem sempre estava “à cata de biscates”, inclusive para poder manter o vício, aceitou com gosto. Transcrevo abaixo um trecho que resume o ocorrido:

“Devidamente caracterizado (...) tomou lugar no andor, ajeitou a cruz e a procissão se pôs em marcha. Ia muito compenetrado, procurando afivelar no rosto uma máscara de sofrimento e sentindo-se o objeto da reverência das pessoas que se prosternavam à passagem do andor. Mas a cachaça não podia permitir-lhe ficar muito tempo naquela postura, sem expandir-se. Avista agora a casa de um velho conhecido. Todos à janela encaravam-no respeitosa e ele não se contém, como a retribuir um cumprimento, acenando com a mão: - Boa tarde, Nhô Antônio, mecê vai passando bem, melhorou do reumatismo?...” (p.71)

---

<sup>4</sup> Encarregado dos trabalhadores escravos.

A procissão segue e Sebastião, aqui e acolá, distribui comentários, cumprimenta conhecidos, solta xingamentos quando encontra alguém com quem não simpatiza, despertando risos, protestos, advertências, causando, enfim, tumulto entre a multidão.

A primeira parte do livro reúne muitas dessas histórias que lembram os chamados *faits divers* franceses, acontecimentos que têm algo de pitoresco, insólito, por vezes até trágico.

Perto do fim da primeira parte temos o capítulo “Coelho Neto”, em que Brito narra a descoberta do escritor que iria acompanhar durante anos. Desde muito jovem, o cronista já travara contato com a obra de Coelho Netto, a quem passou a admirar profundamente. Nas memórias, descreve o quão ansioso ficara ao descobrir que o famoso escritor iria participar de uma conferência no Clube Literário de Guaratinguetá no dia 6 de janeiro de 1921. Finalmente, no dia da conferência, quando vê diante de si o autor de *A Capital Federal*, sua admiração se confirma, transferindo-se também ao homem de aparência raquítica, segundo Brito, mas detentor de uma voz “possante e sonora”, a encher todo o recinto, deixando em sua memória uma imagem “magistral”. Alguns anos mais tarde, em 1927, já em São Paulo, Brito assiste mais uma vez a uma palestra do romancista, desta vez sobre Euclides da Cunha. Qual não foi sua surpresa, e até mesmo decepção, ao deparar com um homem cuja voz já não tinha mais o timbre forte e sonoro que presenciara na cidade natal, uma voz que agora tendia para “certa nasalidade” (p. 147). A primeira impressão se havia desfeito.

Mesmo assim, Brito não deixou de reverenciar o artista, o escritor Coelho Netto (1864-1934), cuja obra empenhou-se em reabilitar, seguindo no rastro de Otávio de Faria. Com o advento do Modernismo, Coelho Netto foi sendo desqualificado, deixado de lado, considerado passadista e de escrita difícil. Segundo Marcos Antonio de Moraes no artigo “Coelho Netto entre modernistas”<sup>5</sup>, o escritor maranhense representava a literatura oficial da Academia Brasileira de Letras, da qual fora um dos fundadores, e se contrapunha às vanguardas renovadoras surgidas no início do século XX. Brito, que continuou admirando-o, viria a escrever um belo artigo sobre ele, intitulado “Coelho Neto, Romancista”, hoje enfeitado na obra *Ensaio da Mão Canhestra*.

A vida de Brito Broca poderia ser descrita, de forma chã, como uma vida sem grandes peripécias, sem altos e baixos, uma existência prosaica. Ou, como bem definiu Francisco de Assis Barbosa na introdução às *Memórias*:

“Escritor sem biografia, nada de extraordinário aconteceu na sua vida, toda concentrada no devotamento à literatura, que foi integral e absoluto. Do ofício de ler e escrever fez a sua única razão de viver. (...) Nunca pensou em se arrumar na vida (...) Títulos, posições, glória, dinheiro, nada disso, para ele, teve importância (...)” (p. XI)

A segunda parte da obra – “Anos de aprendizagem” – distancia-se dos anos da infância e mostra a busca por um lugar ao sol. É o Brito Broca jornalista que começa a despontar, a lembrança das primeiras crônicas divulgadas pelos veículos *Fon-Fon!* e *Para Todos*, o pendor literário manifestado em contos enviados para jornais e até a decepção ao ver o nome incorretamente grafado como Brito *Bréca* em conto publicado no *Correio da Manhã*, levando-o a pensar: “lá se fora todo o meu trabalho por água abaixo... Que riso iria provocar, se alguém me identificasse o nome.” (p. 164). Nesta segunda parte das *Memórias*, até mesmo os títulos dos capítulos denotam a importância que a literatura ocuparia em sua vida. “Lembrança de Monteiro Lobato”, “Entre Alencar e Machado de Assis”, “Marinetti”, “Pirandello” e “Leituras francesas” são alguns dos capítulos que remetem ao universo literário norteador da vida do cronista e o início de suas incursões pelo jornalismo. Vale lembrar que Brito começou sua carreira de jornalista profissional em *A Gazeta*, no ano de 1927. Todavia, o cronista literário só iria se consolidar dez anos mais tarde, quando se mudou para o Rio de Janeiro, no final de 1937, indo trabalhar na sucursal do mesmo jornal. Quem lhe conseguiu esse emprego foi Genolino Amado, “a primeira pessoa a acreditar no seu talento e na sua cultura”<sup>6</sup> (p.17), de acordo as palavras do conterrâneo Francisco de Assis Barbosa.

A derradeira parte do livro – “Na Revolução de 32” – é a mais breve (14 páginas), mas nem por isso menos instigante. Na minha opinião, mesmo tendo como pano de fundo um fato histórico por si só vigoroso e provocante, a Revolução de 30, o que se sobressai, nesse trecho, é o retorno ao seio familiar, a volta às raízes. Nessa época, Brito já morava e trabalhava como jornalista em São Paulo. Porém, com a eclosão da Revolução, o pai, apreensivo, pede sua volta. Ao alastramento da guerra contrapõe-se a busca pela paz e pelo repouso, de duração temporária. O autor encontra novamente conforto e segurança num ambiente que já lhe era tão familiar: a literatura. Assim descreve sua chegada:

<sup>5</sup> In: Revista *Literatura e Sociedade*, DTLLC-FFLCH-USP, n. 7, 2003-2004, p. 102-119.

<sup>6</sup> In “Brito Broca e a vida literária no Brasil (1903-1961)” artigo publicado na revista *Remate de Males* (11) da UNICAMP, número especial dedicado a Brito Broca, 1991, p. 17-20.

“Cheguei a Guaratinguetá às quatro da tarde. Encontrei, como sempre, o quarto à minha espera, a cama arrumada, a estante ao lado com os livros que deixara, quando da minha mudança para São Paulo.” (p. 226).

Entretanto, a busca pelo silêncio é interrompida pela Revolução, que começava a atingir as cidades do interior, mudando a rotina de seus habitantes. Uma vez mais, a literatura iria ser um antídoto contra o medo e a tensão que se propagavam e Brito, durante vinte dias de nervosismo, entrega-se à leitura, “como numa espécie de embriaguez, lendo e relendo perto de duzentos livros” (p. 227).

O último capítulo, conquanto mais curto, nem por isso é desprovido de cor e vivacidade. O panorama da guerra, por certo, contribui para realçar o colorido do quadro. Aviões, bombardeios, soldados, sons de metralhadora, andanças pelo campo, mudanças de um lugar para outro em busca de um porto seguro, tudo isso aviva a imaginação do leitor. Mas o modo de narrar de Brito Broca é o principal estimulante a dar vida a esse cenário. Aproximando-se do final do livro, ele afirma:

“Necessitaria muito espaço para descrever minuciosamente como decorreram os meus dias, desde que, em companhia desses queridos parentes, arribei naquela humilde habitação rural, de teto sem forro – uma casinha de roça, que mal dava para cinco pessoas e onde se abrigaram, juntamente com as crianças, mais de vinte. Daí poderia retirar um romance, se tivesse a bossa de ficcionista.” (grifo meu, p. 235)

Ouso contrariar as palavras do memorialista para dizer que, em minha singela opinião, este livro de memórias permite ao leitor ter acesso a um lado infelizmente pouco explorado pelo autor: a ficção. Tomado que foi pela crônica literária, temos, nestas *Memórias*, uma rara e grata oportunidade de transpor o universo romanesco de Brito Broca.

Por fim, vale lembrar que as *Memórias* de Brito Broca apareceram em forma de livro em 1968, e algumas das histórias rememoradas remetem à infância de sua avó, ou seja, são relatos de histórias que se passaram no século XIX, antes mesmo do nascimento do autor. A despeito da distância temporal de algumas histórias, o que toca o leitor dessas *Memórias*, e sobretudo o habitante do Vale do Paraíba é, a meu ver, a identificação imediata com várias das experiências acumuladas ao longo da vida e partilhadas pelo memorialista. Quem cresceu no interior provavelmente já deve ter ouvido histórias de assombração ou presenciado o desfile de uma procissão. E aqui deixo um pouco de lado a pesquisadora de Brito Broca para assumir o papel da leitora emocionada e, por que não, provinciana.

#### TESE CONSULTADA

Andrade, Paulo José de Castro. *Memória, ficção e aforismos: o cronista Brito Broca em formação*. Dissertação de Mestrado, DLCV-FFLCH-USP, São Paulo, 2008.